

Rafael Leão



Ensinar e estudar moldam a atitude profissional e a bem-sucedida carreira do lighting designer paranaense.

Entrevista concedida a Maria Clara de Maio

Como e quando o lighting design começou a fazer parte da sua vida profissional?

No meu penúltimo ano de faculdade de arquitetura em Londrina, em 1996, comecei a pesquisar cursos de pós-graduação e percebi que a área de iluminação artificial era pouco explorada no Brasil. Meu interesse aumentou após participar de um workshop ministrado pelo lighting designer Gilberto Franco, no mesmo ano. No ano seguinte à minha formatura (1998), liguei para o escritório do Gilberto buscando informações sobre cursos de pós-graduação na área. Na ocasião, falei com o Carlos Fortes, seu sócio, que me ofereceu uma vaga na Franco & Fortes. Mudei-me para São Paulo e o curso ficou para depois.

O que o levou a fundar a Conforto Visual? Você apostou no crescimento do mercado, ou vislumbrou um nicho pouco explorado na arquitetura?

Deixei a Franco & Fortes no ano de 2000 para tentar aumentar minha experiência como autor de projetos de iluminação, após o surgimento de algumas parcerias com escritórios de arquitetura e construção civil. Atuei como lighting designer autônomo durante quase 2 anos e em 2002 fundei a Conforto Visual para atender melhor os clientes empresariais que surgiam.

Qual o seu envolvimento com a Asbai? Acredita que ela representa efetivamente a categoria de profissionais da área no Brasil?

Sou membro profissional da Asbai, a categoria de filiação mais alta disponível para aqueles que não participaram de sua fundação. Acredito que o mercado de iluminação continuará crescendo e julgo indispensável o fortalecimento do

papel do arquiteto de iluminação através de uma entidade de classe. Este é um ponto importante para ampliar os poucos parâmetros que o contratante possui atualmente para avaliar o desempenho dos diferentes profissionais no mercado.

O valor a ser cobrado por um projeto de iluminação é uma questão resolvida?

Aprendi a cobrar pela complexidade de um projeto e não pelo metro quadrado. Evidentemente, esta é uma alternativa que demanda mais tempo para formular um orçamento, pois exige melhor análise da arquitetura, porém, mais adequada. Cada profissional pode estabelecer um conjunto de critérios para chegar ao custo de sua hora técnica.

Desde 2002 você é professor, responsável pela disciplina Lighting Design na pós-graduação da Universidade

Positivo, em Curitiba. Ensinar traz que tipo de compensação?

Para ensinar é preciso estudar. Lembro-me da primeira aula que ministrei na turma de pós-graduação, em 2002. Fundamentei muito bem os meus argumentos durante a preparação das aulas, pois me sentia vulnerável perante os alunos. Isso me fez observar como eu desenvolvia os meus projetos, o que eu pretendia dizer com os efeitos de iluminação aplicados em cada situação. Esse foi um grande passo na minha carreira de arquiteto de iluminação e moldou meu discurso profissional. Acredito que hoje meus projetos possuem um conteúdo subjetivo muito mais rico do que tinham antes, quando o rigor técnico era um dos objetivos mais procurados.

Na sua opinião, o mercado pode absorver estes futuros profissionais?

Em parte sim, pois acredito que a maioria dos alunos que tive não seguiu a arquitetura de iluminação por pura escolha. Contudo, o importante foi ajudá-los a perceber que a luz possui um papel subjetivo, ligado às sensações e às ilusões, independente da técnica. Definitivamente, isso desenvolveu o senso crítico desses profissionais, pois os ajudou a analisar um projeto de iluminação de uma forma muito mais completa, além do simples propósito de garantir luz.

Está valendo a pena seguir este caminho?

Sim. Nunca parei de estudar, e isso rendeu bons frutos. Obtive títulos de especialista em conforto ambiental e conservação de energia e, recentemente, de mestre em arquitetura e urbanismo pela FAU/USP, cuja dissertação será apresentada na Professional Lighting Design Convention em Berlim, em outubro deste ano. ◀